



VENEZUELA

Presidente deposto e capturado pelos EUA, em 3 de janeiro, apresenta-se ao juiz na segunda audiência e tem negado o pedido de arquivamento das acusações. Magistrado admite que ele não representa ameaça à segurança nacional

Maduro sofre revés no tribunal de NY

» RODRIGO CRAVEIRO

O comboio com o presidente deposto da Venezuela Nicolás Maduro, 63 anos, e sua esposa, Cilia Flores, 69, chegou ao prédio do Tribunal Federal Daniel Patrick Moynihan, em Nova York, por volta das 4h pelo horário local (5h em Brasília). Cerca de sete horas e meia depois, o casal entrou na sala de audiências da Corte e permaneceu calado, por mais de 90 minutos, diante do juiz Alvin Hellerstein, de 92 anos. De acordo com o jornal *El Nacional*, de Caracas, Maduro estava cabisbaixo, parecia mais magro e vestia um uniforme cinza do Centro de Detenção Metropolitano do Brooklyn. Sorriente, fez anotações e conversou com os advogados por meio de um intérprete.

Afilhado político de Hugo Chávez e homem forte da Venezuela entre 2013 e 2026, Maduro sofreu o primeiro revés na Justiça dos EUA: o magistrado disse não ter a intenção de atender ao pedido da defesa para arquivar as acusações por motivos processuais. No entanto, o juiz também afirmou não considerar Maduro “uma ameaça à segurança nacional” e destacou que “as coisas mudaram na Venezuela”.

Maduro responderá por quatro crimes — três por conspiração para narcoterrorismo, importação de cocaína e posse de armas de guerra; e outra por posse de armamento. Se considerado culpado, poderá ser sentenciado à prisão perpétua por cada acusação. O juiz não decidiu se autorizará que Maduro utilize fundos do governo venezuelano para custear a defesa.

A primeira audiência de Maduro e Cilia ocorreu em 5 de janeiro, dois dias depois da captura, em Caracas, por forças especiais dos Estados Unidos. Na ocasião, o ex-presidente venezuelano falou durante meia hora na Corte, declarou inocência e denunciou que ele e a mulher eram “presos políticos”. O casal está supostamente isolado em uma cela, sem acesso à internet nem a jornais. Uma fonte próxima ao governo da Venezuela relatou à agência de notícias France-Presse que Maduro lê a *Bíblia* e alguns de seus companheiros de prisão se dirigem a ele pelo termo “presidente”. A mesma fonte informou que ele tem a autorização de falar por 15 minutos, no máximo, com familiares e com advogados.

O presidente dos EUA, Donald Trump, prevê que Maduro responderá a “outras acusações” judiciais. “Ele foi acusado por apenas uma fração das coisas que fez. Outras acusações serão apresentadas, como provavelmente vocês sabem. Presumo que

Charly Triballeau/AFP



Comboio com Maduro e Cilia Flores deixa o prédio da Corte Federal, em Manhattan, depois da apresentação ante o magistrado

Juan Barreto/AFP



Simpatizante do venezuelano exhibe bandeira do Brasil e cartaz: “Liberdade para Nicolás Maduro e Cilia Flores!”

Juan Barreto/AFP



Nicolás Maduro Guerra, filho do ex-ditador, participa de manifestação pela soltura do pai, em Caracas: “Sequestro”

terá um julgamento justo. Mas imagino que enfrentará outros julgamentos”, disse o republicano a jornalistas na Casa Branca.

Do lado de fora do Tribunal Federal, simpatizantes e opositores de Maduro estavam concentrados desde cedo. “Estamos desesperados por qualquer forma de justiça, por tudo o que passamos”, desabafou o professor venezuelano Carlos Egana, 30 anos, que ostentava um boneco inflável de Maduro com traje de preso. Cartazes com dizeres como “Libertem Maduro” e com ataques à política de Trump — “Da Venezuela ao Irã, basta de sanções e bombas!” — eram exibidos por esquerdistas.

A 3.400km dali, em Caracas, Nicolás

Maduro Guerra, filho de Maduro, participou de um protesto a favor da libertação do pai. Ele falou sobre “vestígios de ilegitimidade” no processo judicial e defendeu que o mesmo começou com um “sequestro” — alusão à captura do casal por forças especiais dos EUA.

Presunção de inocência

Advogado, especialista em governo, professor de direito e doutor em ciências políticas, o venezuelano Román Ibarra lembrou ao *Correio* que “todos somos inocentes, até que se prove o contrário”. “Para que a Corte do Distrito Sul de Nova York

tenha aberto um processo contra Maduro por crimes muito graves de narcoterrorismo, é de se supor que haja grandes indícios contra ele. A investigação dura vários anos e inclui depoimentos de generais do Exército venezuelano, como Cliver Alcalá, que se declarou culpado dos mesmos crimes. Ele era um dos oficiais mais próximos de Hugo Chávez e de Maduro em suas relações com organizações criminosas e terroristas (segundo os EUA), como o Exército de Libertação Nacional (ELN) e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). Tudo isso sugere um caso sólido, ainda que complexo”, explicou. Segundo Ibarra, a equipe de defesa de

Maduro pediu pela rejeição da acusação, um recurso processual. “O juiz negou a solicitação, haja vista que ele tinha fortes indícios da certeza da acusação. Por essa razão, o julgamento não deverá prosseguir sob sua direção”, disse o professor. O venezuelano ressaltou que o sistema judicial dos Estados Unidos é muito profissional e confiável. “A condenação à prisão perpétua é reservada a crimes extremamente graves, e aqueles aos quais ele responderá se enquadram nessa categoria. Tudo dependerá da habilidade de seus advogados, mas também da competência e eficácia da acusação e das provas que ela possui”, admitiu Ibarra.

Eu acho...



Arquivo pessoal

“Temos a impressão de que este julgamento provavelmente envolverá outras acusações decorrentes das denúncias de crimes contra a humanidade atualmente em análise pelo Tribunal Penal Internacional (TPI), e que algumas organizações de direitos humanos, certamente, proporão ser admitidas como rés. Veremos se isso ocorrerá e se o TPI as aceitará no mesmo processo, assim como admitiu testemunhas-chave que poderiam ajudar a esclarecer a situação jurídica, antes de tomar decisões finais.”

Román Ibarra, advogado venezuelano, especialista em governo e políticas públicas, professor de direito e doutor em ciências políticas

GUERRA NO ORIENTE MÉDIO

Trump adia ultimato ao Irã

Ficou para a segunda-feira seguinte ao Domingo de Páscoa o prazo dado por Donald Trump ao Irã para que libere a navegação pelo Estreito de Ormuz, sob pena de sofrer um “ataque devastador” contra sua infraestrutura de eletricidade. O presidente dos Estados Unidos fez a comunicação em sua plataforma, a Truth Social, e alegou como razão para o adiamento a avaliação de que “vão muito bem” as conversações que sustenta estar mantendo com o regime de Teerã — que desmente qualquer diálogo direto entre os dois governos e afirma que Trump “está negociando consigo mesmo”.

“De acordo com o pedido do governo iraniano, esta declaração serve para anunciar que suspendo o período de destruição de usinas de energia por 10 dias, até segunda-feira, 6 de abril de 2026, às 20h (21h de Brasília)”, escreveu o presidente. “As conversas continuam e, apesar das declarações equivocadas dos meios de comunicação e das notícias falsas, vão muito bem.”

No sábado, o presidente havia dado inicialmente 48 horas ao Irã para reabrir o estreito. Na segunda-feira, em uma primeira e inesperada reviravolta, anunciou que os dois governos teriam aberto negociações “muito boas e frutíferas”, razão pela qual estava estendendo o prazo por mais cinco dias, que se esgotariam na noite de hoje.



Eles (os iranianos) é que querem desesperadamente chegar a um acordo. E a razão é que o país ficou todo ferrado

Donald Trump, presidente dos EUA

As idas e vindas da Casa Branca se sucedem a repetidas declarações vindas de Teerã, nas quais diferentes figuras da nova liderança não apenas desmentiram a existência de conversações diretas com os EUA. O último lance do conflito, no campo diplomático, foi a rejeição iraniana a um plano de paz de 15 pontos, enviado de Washington por intermédio do Paquistão. Tanto o governo de Islamabad quanto o emissário especial de Trump para o Oriente Médio, Steve Witkoff, confirmaram a entrega do documento.

Embora o chanceler Abbas Araghchi tenha dito que a proposta estaria sendo

examinada, a agência de notícias semi-oficial Tasnim, ligada à poderosa Guarda Revolucionária, informou que teria sido enviada uma resposta. Nela, o Irã reafirma cinco pontos que apresenta como condições para acertar um cessar-fogo. Elas incluem o pagamento de reparações pelos danos sofridos com quatro semanas de bombardeios — que se completam hoje —, garantias de que os ataques não sejam retomados e o fim das hostilidades nas demais frentes de conflito, em especial o Líbano, onde Israel prepara a entrada de tropas para desmantelar a milícia xiita Hezbollah (pró-Irã) e ocupar uma faixa de território além da fronteira.

De acordo com a imprensa norte-americana, europeia e israelense, o plano de 15 pontos enviado por Washington prevê a renúncia do Irã ao enriquecimento de urânio e a entrega dos estoques do material. Inclui, ainda, limites estritos para os mísseis iranianos e a liberação incondicional do tráfego naval pelo Estreito de Ormuz. Israel anunciou ontem ter matado, em bombardeio, o comandante da Marinha da Guarda Revolucionária, Ali Reza Tangsiri, apontado como responsável pelo bloqueio do estreito. Teerã, que em seus cinco pontos exige o reconhecimento de sua soberania sobre a via de navegação, se

AFP



Vítima dos ataques de EUA e Israel é sepultada em Teerã: guerra sem fim à vista

encaminha para aprovar uma lei para estabelecer a cobrança de taxas para os navios que passarem por ela.

Sem pressa

Sob pressão crescente, externa e internamente, Trump dedicou-se a reafirmar sua confiança na condução da guerra e, sobretudo, a negar que esteja procurando uma saída. “Li uma notícia que dizia que estou desesperado para conseguir um acordo”, disse a jornalistas em sua primeira reunião de gabinete desde o início dos

ataque ao Irã, em 28 de fevereiro. “É exatamente o contrário”, assegurou.

“Eles (os iranianos) é que querem desesperadamente chegar a um acordo. E a razão é que o país ficou todo ferrado”, declarou. “Calculamos que levaríamos aproximadamente de quatro a seis semanas para cumprir nossa missão. No vigésimo sexto dia (ontem), estamos extremamente, realmente muito avançados”, ressaltou. Antes, na Truth Social, Trump havia aconselhado o Irã a “levar a sério as negociações, antes que seja tarde demais”.